

Os massacres com armas de fogo e sua relação com a violência doméstica

O massacre da semana passada na Igreja Batista da Comunidade Sutherland Spring no Texas foi um crime terrível e, também, terrivelmente previsível. Como outros massacres semelhantes, o fato é representativo do problema sistêmico que existe nos Estados Unidos com armas e violência. Responsável por matar 26 pessoas e ferir outras 20 antes de cometer suicídio foi, presumivelmente, Devin Patrick Kelley, um homem branco que tinha sido um membro ativo da Força Aérea dos EUA. Este tiroteio em massa é outro exemplo letal da ligação entre violência doméstica e massacres com armas.

Como membro da Força Aérea, Kelley foi considerado culpado de agressão à sua mulher e da fratura do crânio do seu enteado, que tinha menos de dois anos de idade. O tribunal marcial da Força Aérea deteve-o e manteve-o confinado durante um ano, mas não comunicou a sua condenação ao National Instant Criminal Background Check System do FBI. Este não era o único sinal de alerta: ele também tinha cometido abusos violentos contra animais e emitido ameaças de morte aos seus superiores da Força Aérea. Alegadamente, ele tinha enviado mensagens de texto ameaçadoras à sua sogra, que frequentemente frequentava a igreja onde Kelley cometeu o assassinato em massa.

Sarah Tofte, diretora de pesquisa do movimento Everytown for Gun Safety, disse em uma entrevista da Democracy Now!: “A maioria dos massacres com armas de fogo está relacionada de alguma forma à violência doméstica ou familiar. A equipe de Tofte acaba de lançar um novo relatório, que indica que no período 2009-2016, em mais da metade dos massacres de armas, os agressores mataram seus parceiros ou outros membros da família. A violência doméstica é mais do que uma bandeira

vermelha; é um crime em si mesmo". Entre outras coisas, o relatório observa:

"A presença de uma arma de fogo numa situação de violência doméstica torna cinco vezes mais provável que uma mulher seja morta".

"As mulheres nos Estados Unidos têm 16 vezes mais probabilidade de serem mortas com uma arma de fogo do que as de outros países de alta renda, tornando este país o mais perigoso do mundo desenvolvido para a violência armada contra as mulheres. Todos os anos, as mulheres americanas sofrem 5,3 milhões de incidentes de violência por parte dos seus parceiros".

"Cinquenta mulheres americanas são mortas todos os meses por tiros de seus parceiros, e muitas mais são feridas. Quase um milhão de mulheres vivas hoje são sobreviventes de feridas de bala pelos seus parceiros".

Soraya Chemaly, diretora do Women's Media Center (WMC) Speech Project, disse em uma entrevista para Democracy Now! "Não há absolutamente nenhuma dúvida de que a prática da violência dentro de um lar, em um ambiente íntimo, contra pessoas que, em teoria, o agressor ama, abre o caminho para a violência pública".

Soraya continuou: "O tema subjacente é como lidamos com a violência privada, como lidamos com a violência sexual, o que pensamos sobre a violência de gênero. A divisão público-privada com que estamos a trabalhar não está funcionando bem, porque tendemos a apresentar esta violência terrorista privada de uma forma que parece irrelevante para a esfera pública. Se pensarmos no fato de que, nos Estados Unidos, há três mulheres por dia assassinadas pelo seu parceiro, se isso acontecesse num incidente e estivéssemos a falar de 20 a 25 mulheres mortas por semana num incidente, talvez as pessoas comesçassem a reagir e a prestar atenção".

Mariame Kaba, uma ativista e educadora que trabalha em programas de violência doméstica, nos disse: “Fomos pegos na tentativa de rotular a violência em massa como ‘terrorismo’. Mas o que temos que fazer – e não estamos sendo capazes de fazer – é acabar com a violência contra as mulheres, contra pessoas sem gênero declarado e contra crianças, que é o que está na raiz dessas formas de violência armada e tiroteios em massa. É melhor nos concentrarmos em tentar acabar com estas outras formas de violência, que são elas próprias violência em massa”.

O vice-presidente dos EUA, Mike Pence, viajou para Sutherland Springs para se encontrar com familiares das vítimas do massacre. Pence é um membro de longa data da National Rifle Association (NRA) com uma classificação “A”. Como congressista, ele votou para impedir uma pessoa de processar os fabricantes de armas e para relaxar as leis que regem as compras de armas interestaduais. Esta semana, Pence culpou o massacre do Texas por “fracassos burocráticos” e pela doença mental do atacante. No início deste ano, o Presidente Donald Trump inverteu uma regra da era Obama e facilitou a aquisição de armas por pessoas com problemas de saúde mental.

Trump estava no Japão na época do massacre do Texas, como parte de um passeio em que ele tentou vender bilhões de dólares em armas para aliados regionais, insistindo em sua retórica beligerante contra a Coreia do Norte. O Presidente deve aprender com os países que visita. No Japão, um país com 127 milhões de habitantes, há menos de dez mortes causadas por armas de fogo em um ano típico, principalmente devido ao rigoroso controle de armas. Esse número contrasta fortemente com as mais de 33.000 mortes anuais por armas de fogo nos Estados Unidos.

No meio das negociações de venda de armas, quando perguntado sobre o controle de armas à luz do horror no Texas, Trump argumentou que era muito cedo para falar sobre mudanças na política de armas. Quantos mais massacres terão que ocorrer?

Original: [Democracy Now](#)